

ESTANHO

# Exploração mais organizada no garimpo de Bom Futuro

por John Barham do Financial Times

A mina de cassiterita Bom Futuro, próxima a Ariquemes, Rondônia, ainda é o cenário de brigas de faca e tiroteios diários entre seus garimpeiros — em número que já chegou a 45 mil — afeitos à bebida e habituados a uma vida miserável. Mas as fortunas repentinas obtidas da escavação de veios de cassiterita quase pura no chão tornaram-se coisa do passado. O minério é usado para se obter o estanho.

As produções de cassiterita, antes fantásticas, diminuíram. Os garimpeiros extremamente independentes estão partindo em massa em busca de minas mais promissoras em outras partes da floresta. Com o êxodo, Bom Futuro está iniciando uma nova fase decisiva. A quase anarquia deu lugar a negócios estruturados dirigidos por ex-garimpeiros que se tornaram empreendedores decididos.

A descoberta dos depósitos

de cassiterita feita por madeireiros em 1986 provocou uma corrida de estanho de grandes proporções. Em poucas semanas, 10 mil garimpeiros ocuparam a área.

Hoje, Bom Futuro é uma gigantesca clareira na floresta amazônica enfeitada por crateras e cortada por um labirinto de vias improvisadas que estremecem quando caminhões pesados carregados de minério de cassiterita passam nelas. Barracos frágeis abrigam os garimpeiros, e seus bares, cinemas e prostíbulos e condições insalubres tornam a mina um criadouro de doenças.

Escavadeiras vorazes derrubam a floresta, transformando Bom Futuro em um pesadelo dos ambientalistas. Um punhado de ex-garimpeiros que fizeram suas fortunas durante os dias de "boom" em Bom Futuro está comprando os direitos de exploração dos garimpeiros menos bem-sucedidos. Estão transformando operações rudimentares em empresas que utilizam escavadeiras e equipamentos de mineração em vez de mão-de-obra braçal para processar o minério.

A descoberta das jazidas de Bom Futuro e de Pitanga, outra supermina explorada pela Paranapanema, maior produtor de estanho do Brasil, mais ao norte, ajudou a tornar o Brasil o maior produtor de estanho do mundo. Mas os fabulosos depósitos apresentaram ao governo brasileiro um dilema diplomático e político espinhoso. De tempos em tempos, a prodigiosa produção descontrolada da mina Bom Futuro ameaçava transtornar os fornecimentos e preços mundiais e minar o "programa de racionalização de suprimento" administrado pela Associação dos Países Produtores de Estanho (ATPC).

O governo brasileiro percebeu que os garimpeiros não poderiam ser retirados de Bom Futuro sem derramamento de sangue. Contudo, o não cumprimento das cotas de exportação da ATPC, prejudicaria a imagem do Brasil como defensor dos interesses do Terceiro Mundo.

O Brasil tem o status de observador na ATPC mas aceita suas cotas máximas de exportação. No ano passado, o cartel elevou a cota do Brasil em 11% para

## Controle dos rejeitos

por Nelson Niero Filho de São Paulo

O Sindicato dos Garimpeiros de Ariquemes (Singa), Rondônia, contratou dois engenheiros de minas e dois geólogos para dar orientação às pessoas que trabalham na exploração de cassiterita no garimpo de Bom Futuro, ou da linha C-75, no sentido de evitar a poluição do rio Candeias com rejeitos, segundo informou João Bernardo Neto, delegado do Singa e também produtor no garimpo.

"Cerca da metade dos proprietários de maquinários já tem as suas bacias de decantação e os outros já estão construindo. Posso dizer que o problema está praticamente resolvido", afirmou, acrescentando que os trabalhos estão sendo desenvolvidos há dois meses.

Essas providências começaram a ser tomadas depois que a Secretaria Especial do Meio Ambiente de Rondônia (Semaro) interditou, em julho, 390 "ligues" — máquinas que separam o minério do barro — porque os proprietários estavam jogando os rejeitos da produção diretamente no Igarapé Santa Cruz, um dos afluentes do rio Candeias, que abastece a Vila de Candeias.

"O assoreamento do rio estava impedindo o consumo da população", disse Arquime-

des Ernesto Longo, diretor de fiscalização da Semaro. Segundo ele, a poluição é caracterizada pelo aumento do turvamento das águas do rio em razão da grande quantidade de barro que estava sendo jogada pelos garimpeiros. Não existe, no entanto, contaminação por produtos químicos.

Para evitar que os rejeitos cheguem ao rio estão sendo construídas lagoas de decantação e barragens de contenção.

"A idéia inicial", diz João Bernardo Neto, "era contratar empresas especializadas no Sul do País mas foram pedidos preços fora da realidade do mercado", talvez porque seja fato notório o faturamento elevado dos proprietários de áreas no garimpo, que pode passar dos NCz\$ 500 mil mensais.

O Singa tem, segundo seu delegado, 3 mil pessoas associadas, das 15 mil que trabalham atualmente no garimpo. Na avaliação do sindicalista, para cada trinta pessoas que estão na área uma tem maquinário para exploração, ou seja, ligues, caminhões, escavadeiras, etc. Alguns proprietários fundaram recentemente a Cooperativa dos Produtores de Minério de Rondônia (CPMR), que pretende passar a exportar o metal tão logo receba seu registro definitivo.

29.500 toneladas, quando os suprimentos mundiais diminuíram e a produção de Bom Futuro cresceu inesperadamente. A própria Paranapanema pediu em empréstimo 2.500 toneladas da cota de estanho não preenchida da Bolívia para exportar sua produção excedente.

O governo decidiu permitir a permanência dos garimpeiros. Mas para evitar o estouro da cota de exportação da ATPC, ordenou que as empresas comprassem toda a produção de Bom Futuro, mesmo se isto significasse reduzir a produção de suas próprias minas.

A Paranapanema, que obteve o direito sobre a área, comprou cassiterita de Bom Futuro e depois a partilhou entre outras empresas exportadoras. Desse modo, as empresas tiveram de parar e absorver a produção de Bom Futuro.

Por exemplo, a Rhône-Poulenc, grupo químico de controle estatal francês, que possui três minas de cassiterita no Brasil, está atualmente comprando de Bom Futuro para atender a 40% de sua cota anual de 2.100 toneladas. Neste ano, a ATPC atribuiu ao Brasil uma cota de exportação de 31.500 toneladas — 7% a mais do que em 1988 e apenas ligeiramente inferior à da Malásia, o principal exportador de estanho.

Enquanto isso, o esquema adequado do governo entrou em colapso e os garimpeiros de Bom Futuro estão vendendo cassiterita no mercado aberto. Mas a ameaça à estabilidade de preço está regredindo agora, na medida em que o controle da mina passa a mãos mais responsáveis e a produtividade declina.

Os garimpeiros ainda obtêm cinco quilos de cassiterita por metro cúbico de lama, um quarto do que costumavam conseguir, mas ainda um teor impressionante. Assim, a mina continua sendo uma operação altamente rentável.

Com o passar do tempo, segundo acreditam os executivos do setor de mineração, a Paranapanema conseguirá obter o controle de Bom Futuro, quando a produtividade cair abaixo do ponto de equilíbrio alcançado pela maioria das empresas que operam hoje na área. A Paranapanema deverá ainda obter lucro com rentabilidade de dois terços abaixo dos atuais níveis de produção de Bom Futuro. A diferença, evidentemente, é que a operação de categoria mundial da Paranapanema possui índices de recuperação nunca ima-

ginados pelos garimpeiros de Bom Futuro.

Entretanto, a Paranapanema será responsável pela tarefa de pôr em ordem o que restou da confusão em Bom Futuro. O governo exige relatórios de impacto ambiental que especifica programas de recuperação e técnicas executivas para minas, antes de autorizar operações de mineração em qualquer lugar no Brasil. Os garimpeiros não tomaram quaisquer medidas, para proteger o meio ambiente ou para recuperar os solos severamente degradados. Ao contrário, continuam a destruir a floresta em velocidade alarmante. Despejaram quantidades incalculáveis de escória no rio Candeias, ali perto, destruindo toda a vida nele existente.

Felizmente, os garimpeiros de cassiterita não utilizam materiais tóxicos para processar o minério. Os garimpeiros de ouro queimam mercúrio para purificar o ouro, e já poluíram intensamente vários rios da Amazônia.

O governo estadual tentou, sem sucesso, fechar a mina até que fossem implementadas salvaguardas apropriadas. Agora começou a tentar transferir as operações de processamento para local distante do rio e algumas empresas em Bom Futuro já construíram lagoas de decantação para impedir que a escória chegue ao rio Candeias.

Os garimpeiros queixam-se de que esses controles ambientais inviabilizaram suas atividades, mas o setor de mineração verteria poucas lágrimas por causa disso.

O principal produtor de estanho do Brasil prometeu que tentará convencer o governo brasileiro a participar da ATPC, segundo um operador da Malásia.

Ibrahim Menudin, executivo-chefe da Malaysian Mining Corp., declarou que Octávio Cavalcanti Lacombe, presidente da Paranapanema, exortaria o Brasil a ingressar na associação.

"Ele disse que faria lobby junto ao governo para participar da ATPC quando nos encontrarmos no Brasil recentemente. Pela primeira vez, vimos uma resposta positiva da Paranapanema, a maior empresa de mineração de estanho do mundo", afirmou Menudin.

Uma fonte do Ministério das Relações Exteriores do Brasil declarou no Rio de Janeiro que o Brasil não pretende ingressar na ATPC.